

## PRAÇAS COMUNITÁRIAS DE SUCATA NA “CIDADE SOL” – JEQUIÉ-BA: LUGAR DE BRINCADEIRA, PRESERVAÇÃO E APRENDIZAGEM SOCIAL

Marilete Calegari Cardoso<sup>1</sup>  
Ana Lúcia Santos Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho é um recorte da pesquisa “O suco da sucata”, que investiga a potencialidade dos materiais não estruturados, para produção de brinquedos e brincadeiras para as crianças, em espaços públicos da cidade de Jequié – BA. Neste texto, analisa-se a constituição e potencialidade dos espaços públicos, especificamente, duas praças, de iniciativa comunitária, construídas com sucatas, para as brincadeiras das crianças, bem como para interrelações entre os adultos. A pesquisa ancora-se na abordagem qualitativa sendo que os dados foram levantados por meio de aplicação de questionário (*online*), *via e-mail*, a duas cidadãs, idealizadoras de praças de cunho lúdico/comunitário. A análise evidenciou que as praças construídas com brinquedos de sucatas por iniciativa dos moradores, em espaços relegados pela gestão pública do município de Jequié – BA se constituem, primeiramente, como um lugar de inventividade, de autenticidade e protagonismo cidadão, a fim de que todos: crianças, adolescentes jovens adultos e idosos, concebam o espaço como parte de si, além de potencializar as trocas e aprendizagens coletivas, por meio de eventos comunitários, jogos e brincadeiras infantis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brinquedo-sucata. Espaços públicos. Aprendizagens.

### ABSTRACT

This work is an excerpt from the research “The scrap juice”, which investigates the potential of unstructured materials, for the production of toys and games for children, in public spaces in the city of Jequié – BA. In this text, the constitution and potential of public spaces are analyzed, specifically, two squares, of community initiative, built with scraps, for children's games, as well as for interrelationships between adults. The research is anchored in the qualitative approach and the data were collected through the application of a questionnaire (*online*), *via e-mail*, to two citizens, creators of the playful/community squares. The analysis showed that the squares built with scrap toys at the initiative of the residents, in spaces relegated by the public management of the municipality of Jequié – BA, are constituted, first, as a place of inventiveness, authenticity and citizen protagonism, so that all: children, teenagers, young adults and the elderly, conceive the space as part of themselves, in addition to enhancing collective exchanges and learning, through community events, games and children's games.

**Keywords:** Scrap toy. Public spaces. Learning.

**Data de submissão:** 06. 08. 2020

**Data de aprovação:** 18. 10. 2020

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Educação, pela Universidade Federal da BAHIA (UFBA). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas e letras – DCHL, da Universidade estadual do Sudoeste da BAHIA- UESB. Coordena o Laboratório de Educação - LABE/DCHL e Ludoteca LABRINC/ DCHL- É pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade – GEPEL/UFBA. marilete.cardoso@uesb.edu.br

<sup>2</sup> Mestra em Educação em Ciências e Matemática – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Brasil. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Formação Docente, Infância, Leitura e Ludicidade (NEPEFILL/UESB), Campus Jequié-BA. E-mail: analucia02@uesb.edu.br

## INTRODUÇÃO

A cidade Sol/Jequié é uma cidade do interior baiano, que fica situada a 365 km de Salvador, no sudoeste da Bahia, na zona limítrofe entre a caatinga e a zona da mata e tendo uma população de 151.895 habitantes. Até duas décadas atrás, os prédios arranha-céus não se faziam presentes em seus espaços, na qual os raios do sol entravam pelas portas e janelas das casas sem pedir licença. Um lugar rodeado de morros e de muito calor, e por conta das altas temperaturas que comumente se registra, a cidade ficou conhecida sob o cognome de “Cidade Sol”.

Na Cidade Sol, assim como em outras cidades de interior, as praças públicas são projetadas nos pontos centrais, sendo elas mais bem cuidadas, e onde a população do centro da cidade se reúne para confraternizar com festejos juninos, natalinos, além das feiras, representações teatrais, *shows* de músicas e até protestos ou manifestações político-sociais.

As expressões de ludicidade oferecidas em locais urbanos da cidade, a exemplo das praças públicas, em tese, potencializam experiências de lazer e aprendizagem, conforme descreve Brougère (2012, p.128). São vivências de múltiplas atividades livres de diferentes naturezas, como exemplo: físicas, manuais, intelectuais, culturais, que supõem ações de lazer, de esforços ou não, pois são diferentes formas lúdicas vivenciadas de forma espontânea que remetem ao prazer e o divertimento.

Observamos que compõe um problema dentre tantos outros da cidade supracitada, a falta de manutenção dos espaços públicos lúdicos oferecidos para sua população, assim como a ausência de praças como lugares de lazer e diversão nos bairros periféricos. Outra problemática da cidade de Jequié, e que também encontra ressonância ao problema da falta de manutenção de suas praças públicas, diz respeito ao abandono de cinco praças “Velas Culturais” feitas no ano 1997. Essas obras foram construídas com a função de disponibilizar a jovens e adultos a iniciação no mundo da informática e da internet. Contudo, hoje, a população jequieense protesta o desrespeito dos governantes atuais (prefeitos e secretários) pelo desperdício do dinheiro público, pela falta de cuidado e manutenção dos prédios. Visto que essas praças estão negligenciadas, sendo “visíveis suas depredações com vidraças estilhaçadas, servindo de abrigo para andarilhos e usuário de drogas e também utilizadas como espaço para essas pessoas satisfazerem necessidades fisiológicas” (NOVAIS, 2017, s/p.). Com a degradação das praças, a cidade torna-se menos atraente e bela, por isso, muitas comunidades e municípios de algumas ruas vêm construindo locais públicos seguros e protegidos, onde as pessoas possam passar o tempo livre com tranquilidade e prazer.

Dessa forma, os cidadãos tiveram a solução de construírem praças comunitárias em alguns bairros da cidade. Esses espaços públicos de lazer são denominados por Nunes (2011, p. 166), como “praças comunitárias específicas” e definidas como espaços preenchidos e/ou frequentados por determinados grupos sociais que podemos chamar de identidades comunitárias. Vale dizer que algumas das praças comunitárias da cidade de Jequié foram produzidas com sucatas, neste estudo entende-se por sucatas como materiais não estruturados, isto é, são objetos ou materiais já usados e que são considerados inúteis, porém, podem ser reaproveitáveis e utilizados sob novas formas. Os materiais utilizados para constituição das praças comunitárias foram: pneus, garrafas descartáveis, rodas de bicicletas, geladeira, paletes, restos de madeiras, etc.

Partindo dessa premissa, as reflexões deste artigo têm origem numa pesquisa em desenvolvimento, baseada no estudo “O suco da sucata: a potencialidade dos materiais não estruturados para produção de brinquedos e brincadeiras para as crianças em espaços públicos da cidade de Jequié – BA”. Com esta investigação se busca responder: As praças são espaços que foram sendo construídos em um contexto de sociedade moderna com exposição de estatuas, plantas e arquitetura que incorporam do perfil de cultura erudita, entretanto, na

contemporaneidade esse modelo de espaço público vem sendo modificado e transformado no estabelecimento das relações sociais, mas será que esses espaços com novos conceitos como as praças comunitárias de sucatas podem promover a valorização da cultura, do lazer, da educação e do convívio social?

Assim, esta investigação analisa a constituição e potencialidade dos espaços públicos, a saber: duas praças comunitárias, denominadas: Praça do Amor e Praça da Amizade, construídas por meio de iniciativa comunitária, com sucatas (pneus, restos de madeiras e outros materiais reaproveitáveis), para as brincadeiras das crianças, bem como a relação desses ambientes com a participação e difusão da cultura lúdica infantil e, também, da comunidade. Mais especificamente, busca-se conhecer as duas praças, aproximando-se de suas práticas e cotidiano, bem como daquelas e daqueles que contribuem para a materialização de propostas de espaço lúdico, educador e sustentável, em que a centralidade das crianças seja compreendida como tônica da cidade.

Ante o exposto, este artigo tem por objetivo analisar a potencialidade de duas praças comunitárias de sucatas da cidade de Jequié/BA para a promoção da valorização da cultura, lazer, educação e convívio social. O estudo empírico teve seu início em setembro 2019, o qual toma espaços públicos de lazer que foram construídos com materiais não estruturados (sucatas), na cidade de Jequié- BA. A metodologia de pesquisa utiliza os dados iniciais coletados em duas praças da cidade: Associação Amigos da Praça e a Praça do Amor, ambas no bairro Jequiezinho. Na constituição dos dados, nos valem da aplicação de questionário on-line devido às recomendações de distanciamento social pelos órgãos internacionais e nacionais em decorrência da pandemia da Covid-19. Os questionários foram respondidos pelas fundadoras das duas praças e levantou informações como: (histórico da construção do espaço, aspectos físicos, uso e apropriação dos espaços infantis, localização, dias/horários de funcionamento e usuários). Além disso, registros fotográficos cedidos pelas administradoras (mobiliário, equipamento lúdico, estado de conservação e atividades realizadas).

Para este trabalho, propõe-se imergir no pensamento acerca de uma alternativa de cidade, esta se acolhe no fulcro das discussões de Lefebvre (2006, 2008), que transita numa abordagem utópica em que as pessoas são capazes de criar e recriar, buscando alternativas para romper ou transgredir modelos de vida que aprisionam pessoas, sejam elas, crianças, jovens e adultos, entre muros. Assim, apresenta-se no primeiro momento, uma breve reflexão acerca do termo “suco da sucata” e a potencialidade destes materiais não estruturados nos espaços urbanos da cidade. Após, busca-se dar visibilidade para propostas e práticas existentes de praças comunitárias na cidade de Jequié – BA, que provocam processos inventivos na relação com a cidade.

## **1 “O SUCO DA SUCATA” E SEU POTENCIAL NOS ESPAÇOS URBANOS DA CIDADE**

“O suco da sucata” neste estudo advém de amplos sentidos. O primeiro, está relacionado ao campo semântico da palavra “suco”, é uma palavra masculina substantiva, cuja origem etimológica do latim *summus*, que significa o extremo, a essência, ou mais importante. Em segundo, essa palavra também se vincula a um prazer, “de uma fruta extraímos um suco, que nos alegra com seu sabor”, como nos lembra Beauclair (2006, p.6). Em relação ao termo sucata, como já mencionado anteriormente, são materiais não estruturados ou “qualquer coisa que perdeu seu uso original, que não serve mais ou que não tem mais significado [...]. Coisas aparentemente inúteis, mas que servem para brincar, para dar nova forma e novo sentido. (Sucata é tudo é nada)” (MACHADO, 2001, p. 67).

Quando combinados a sucata, a arte e o lúdico, esse sentido remete para o a ideia de artefatos, cujos objetos recicláveis são manuseados por pessoas (artesãos e crianças enquanto

brincam), dando novos sentidos por aqueles ou aquelas que produzem ou criam algo, pode gerar prazer e pode garantir este sabor no ato de reinventar, criar e compartilhar (CARDOSO, 2018b).

Vale dizer que a reutilização de materiais tem sido amplamente praticada por artistas e diversos setores da sociedade, mas contraditoriamente ainda tem uma presença tímida em ações nas escolas e praças – espaços fundantes de cidadania, de aprendizagens éticas, culturais e sociais. Por isso, conforme Cardoso; Souza; Silva (2019) cada vez mais os centros urbanos e comunidades têm encontrado soluções criativas para o reaproveitamento de seus materiais devido a uma necessidade de dar vazão ao “lixo” que a sociedade produz.

É importante dizer que a ideia de urbano, neste texto, segue a linha de pensamento de Henri Lefebvre, na qual o autor já discutia uma mudança estrutural da cidade que desencadeou o processo de urbanização.

O urbano se distingue da cidade precisamente porque ele aparece e se manifesta no curso da explosão da cidade, mas ele permite reconsiderar e mesmo compreender certos aspectos dela que passaram despercebidos muito tempo: a centralidade, o espaço como lugar de encontro, a monumentalidade etc. (LEFEBVRE, 1976, Apud TORO, 2015, p.3).

O urbano compreendido como um espaço habitado da cidade tem suas periferias, comunidades e lugares afastados dos centros comerciais. Sendo esse “habitar imbuído de um sentido de apropriar-se de algo, todavia essa apropriação não significa ter em propriedade, mas sim fazer dela sua obra, por em seu próprio sentido” (AGUIAR, 2015, p.4). Um lugar urbanizado é um espaço produzido com materiais retirados da natureza. É “de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas” (LEFEBVRE, 2008, p. 105). Assim sendo, é necessário pensar no urbano em suas necessidades, “os lazeres ao seu modo de viver, seus costumes. E, também, as preocupações com a segurança” [...] (LEFEBVRE, 2008, p. 19), isto é, pensar no urbano não como uma totalidade acabada, pelo contrário, o urbano se faz em movimento, possui um ritmo de vida, relações sociais, uma organicidade.

Desse modo, pode-se dizer que o reaproveitamento de sucatas em ações ligadas à revitalização, construção de espaços nas praças em centros urbanos, pode ser compreendido como uma “tendência que já se manifesta, mas que está destinada a se desenvolver” (LEFEBVRE, 2008, p. 81), pois possibilita a comunidade experimentar a essência do ser/estar-junto-com, assim como uma busca real de soluções para problemas ambientais e a existência concreta de elementos singulares da vida cotidiana.

Além disso, com a interação das crianças em projetos de restauração de ambientes e reaproveitamento de materiais descartados, por meio da construção de brinquedos com materiais aproveitados do meio, a cidade se fortalece e cria oportunidades de mais pessoas participarem ativamente desse processo. Ademais, implica em criação cultural e participação no processo histórico e social de transformação de seu entorno.

Compreende-se que, particularmente na infância, o brincar retrata a relação entre subjetividade e objetividade, já que a criança cria um leque de oportunidades de experimentar a liberdade expondo seu potencial criativo, na medida em que ela pode transformar a realidade pela percepção singular imaginativa, revelando o impacto daquela experiência sobre a formação da consciência de si e do outro. Assim, o brincar das crianças com materiais não estruturados é ferramenta essencial para o mergulho nos sentidos infantis e, por consequência, também dos adultos, observadores e mediadores sensíveis deste brincar, além de ser um caminho para uma educação ambiental mais consciente (CARDOSO, SOUZA, SILVA, 2019).

## 2 CONSTRUÇÃO DE PRAÇAS COMUNITÁRIAS COM SUCATAS: DE ONDE PARTIU ESSA IDEIA?

Para as pessoas viverem em lazer, em especial para as crianças brincarem, elas “precisam de uma cidade, porque os ambientes para brincar devem poder crescer com as crianças [...]” (TONUCCI, 2020, p.250). As pessoas necessitam de espaços públicos que lhes ofereçam experiências diversas, por meio “de atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas” (LEFEBVRE, 2008, p. 105). E, uma das tendências de projetos de praça, na atualidade “é a de produzir praças menos centrais e periféricas que tendem à fragmentação, com a construção de imaginários específicos, locais, comunitários, identitários” (NUNES, 2011, p. 160). Para este autor, embora se possa considerar a fragmentação uma das marcas da contemporaneidade, “ela é vista na relação com o que se tem chamado de ‘luta pelos lugares’” (Idem). Neste sentido, essa delimitação ou fragmentação de espaços públicos na cidade reúnem grupos sociais com histórias e desejos para além daquelas que se formam em instituições, como a família e a escola, como destaca Nunes (2011):

Daí a necessidade de, além da comunidade de fato (família, Igreja, empresa, nação, etc.), estabelecermos comunidades segundas (as que temos vontade de eleger, em que nossos desejos podem ser satisfeitos). É para elas que se dirige nosso imaginário. Essas comunidades segundas são grupos em que cada um pode desempenhar seu desejo de reconhecimento como o reconhecimento de seu desejo e de seu ser (ORLANDI, 2006, apud NUNES, 2011, p. 166).

Assim, as praças comunitárias são representações de comunidades segundas, que reúnem grupos sociais e, de acordo com Lefebvre (2008, p. 19), “se representam a si mesmas através daquilo que lhes falta ou acreditem faltar. Nesta relação, o imaginário tem o poder mais forte”. E, de fato, foi assim que as praças com sucatas surgiram na “Cidade Sol” – Jequié-BA, conforme a Figura 1 – Praça da Amizade (Urbis I).

**Figura 1:** Praça da Amizade (Urbis I)

Fonte – Arquivos das Informantes cedidos para pesquisa, 2020.

São espaços públicos lúdicos que atestam o simbolismo e que representam a união da comunidade. Desvendar e escrever histórias de obra “supersensível e transcendentem na aparência [...] ela se sustenta, encarna-se; projeta-a [...]” (LEFEBVRE, 2008, p. 52). Desse modo, apresentam-se a seguir, as narrativas das idealizadoras:<sup>3</sup> presidente da Associação Amigos da Praça, a bióloga Cíntia Soares; e a idealizadora da Praça Amor, Dona Cida, que realizaram o projeto de praça comunitária construída com sucatas.

A primeira praça comunitária de sucata da cidade de Jequié (FIGURA 1), segundo Cíntia – é a Praça da Amizade, na Urbis I (Casas Populares), no bairro Jequeizinho, fundada pela Associação Amigos da Praça (AAP), por iniciativa da Bióloga e presidente da associação.

O projeto Amigos da Praça foi fundado no ano de 2014; o cenário da praça era de um local abandono e propício para depósito de lixo. [...] o projeto colocado em prática na praça é pioneiro, tornou-se referência na cidade de Jequié, podendo servir de exemplo para ser aplicado em outras praças do município. [...] A ideia partiu dos anseios e sonho da comunidade em cuidar de um espaço que estava abandonado e estavam cansados de esperar pelo poder público. Assim, a iniciativa surgiu por uma bióloga da comunidade que se incomodava com essa situação e convocou a comunidade local a participar do projeto com o objetivo de cuidar e adotar a praça. Enviamos um convite impresso aos moradores, contendo a data, local e o motivo da reunião. “Criar um projeto de meio ambiente para cuidar da praça”. Atualmente, o projeto é formado por 21 famílias totalizando aproximadamente 80 moradores de todas as faixas etárias, com o êxito do projeto fundamos a Associação Amigos da Praça. Tudo que na praça foi feito pelos moradores, cada um dando a sua parcela de contribuição (Cíntia Soares, 20 de julho, 2020).

A Praça do Amor, Figura 2 – Praça do Amor fica localizada no Loteamento Vicente Grilo, Bairro Jequeizinho, na Cidade de Jequié-BA.

<sup>3</sup>As informações foram obtidas por meio de um questionário *on-line*, na qual as idealizadoras mesmo respondendo às mesmas questões, encaminharam suas respostas em datas diferentes.

**Figura 2:** Praça do Amor (Lot. Vicente Grilo)



Fonte – Arquivos das Informantes cedidos para pesquisa, 2020.

Conforme a história da senhora Cida, o anseio para ter uma praça ecológica surgiu de uma pessoa, que após as primeiras iniciativas de mudança do espaço público abandonado, mobilizou a comunidade para a construção da praça de sucatas.

A ideia começou para ter um local para as crianças brincarem. [...] Esta pracinha começou sem projeto, eu me incomodava com o matagal que formava na frente da minha casa, era uma área desperdiçada que senti a necessidade de fazer alguma mudança para as crianças brincarem e aproveitar o espaço (Cida, 14 de julho, 2020).

Pode-se perceber pelas narrativas das idealizadoras Cíntia e Cida, que ambas as praças comunitárias foram concebidas pelo desejo de transformar um lugar abandonado num espaço de lazer. Tanto a Praça da Amizade, quanto a Praça do Amor, nasceram do anseio de uma pessoa que conseguiu mobilizar os moradores para construir “um espaço de lazer e diversão, garantindo tanto às crianças, quanto aos adultos, um espaço de brincar, com uma organização e estrutura bem peculiar” (CARDOSO, SOUZA, SILVA, 2019, p.10).

Para Lefebvre, uma comunidade em vida social na sua capacidade global possui condições favoráveis para a prática social, e o espaço pode ser apropriado prático, concebido e vivido, constituindo camadas a serem apreendidas empiricamente. Segundo ele, “as pessoas, tomadas separadamente, ou em equipe, podem limpar o caminho, também podem propor, tentar preparar formas. E, também (e sobretudo) podem inventariar a experiência obtida, ajudar o parto do possível” (LEFEBVRE, 2006, p.109). Como foi o caso da experiência da idealizadora Cida, da Praça do Amor:

[...] comecei mandando limpar um pequeno quadrado bem na direção da minha casa consegui alguns pneus e eu mesma com meus netos e outras crianças começamos a pintar. Os vizinhos gostaram e virou tipo a corrente do bem. Um amigo de um vizinho viu doou o balanço de eucalipto e pneu. Meu neto mais velho junto, com

outras pessoas que doaram, que fizeram os buracos e colocaram o balanço no lugar. Depois, todos outros vizinhos começaram a ajudar isso aproximou a comunidade. Com isso, nossa praça foi denominada de Praça do Amor (Cida, 14 de julho, 2020).

É conveniente ressaltar a importância desses terrenos baldios, que necessitam, nada além de limpeza e saneamento, mas que podem assumir para a criança "ares de mistério e aventura" (SERPA, 1995, p.202). Contudo, ao criar, diversificar e valorizar seus espaços públicos, a cidade converte-se em um espaço físico carregado de identidade, além de tornar-se um lugar apropriado para as crianças viverem suas práticas cotidianas. Torna-se ainda "mais que um espaço concreto: é vivido, subjetivado, ressignificado, torna-se parte de seu espaço, seu lugar" (DIAS, FERREIRA, 2015, p.126).

Neste sentido, a participação das comunidades na coleta de materiais para construção da praça é fundamental, assim como para transformação desses objetos e preservação das praças. Contudo, esses espaços precisam também de parcerias de diferentes posições, como Nunes (2011, p.161) descreve:

[...] Dentre elas está certamente a da administração pública, mas também as que remetem a diversas formas de "parceria" que envolvem a organização da cidade, na relação entre o público e privado: empresas, associações de bairro, movimentos sociais, escolas, moradores, etc.

Como é descrito nas narrativas das idealizadoras da AAP e PA, que as comunidades se mobilizam com atividades que geram recursos financeiros para a manutenção da praça; mas, contam também com o apoio das parcerias da administração pública, na pavimentação ao redor da praça, água e iluminação; e também com parceria de empresas, como é descrito a seguir, por Cíntia e Cida:

Para a manutenção da praça, fazemos eventos para arrecadar fundos ao logo dos anos, bingo, rifas, vendas de cachorro quente, pedimos doações aos moradores, ao comércio adjacente, e todo dinheiro adquirido é investido nas despesas da praça, também cada morador paga uma mensalidade por apenas 10,00 para ajudar nas despesas, a prestação de contas é feita a cada reunião. Não recebemos nenhum apoio financeiro de ONG ou fundação. [...] Após 90% da praça revitalizada, convidamos o prefeito para participar de uma reunião com o intuito de reivindicar ao gestor algumas obras que, financeiramente seria impossível de serem realizadas pela associação, como: Pavimentação em torno da praça, água e iluminação. Portanto, o gestor confirmou na reunião que todas as reivindicações seriam atendidas. Assim, foi conquistado mais um sonho da comunidade. Além disso, Gangorra, balanço e escorregador foram comprados, sendo 30% foi financiado pela empresa CLIRAN, os demais foi comprado com o dinheiro da Associação Amigos da Praça (Cíntia Soares, 20 de julho, 2020).

Aqui todos colaboram e quando não conseguimos que o poder público faça a limpeza, nos organizamos e cada um contribui e pagamos para limpar. Também tivemos a colaboração de uma empresária de nossa cidade, ela mandou fazer o campo de futebol, plantou os coqueiros, árvores frutíferas e também doou as caixas de madeira que meu filho fez os bangalôs, mesas, bancos. A casinha de paletes foi feita com material reciclável por um senhor do jardim tropical e como pagamento ele levou paletes e pneus que conseguimos a mais que ele também fez melhorias onde mora (Cida, 14 de julho, 2020).

As duas praças comunitárias transformam o espaço público com o reaproveitamento de sucatas, "ao invés de monumentos e de construções, a praça conjuga um cenário ecológico, com um passeio rodeado de gramados, plantas e árvores", como descreve Nunes (2011, p. 161). Tal contexto pode ser visto na Figura 3.

**Figura 3:** Arte decorativa feita de Sucata

Fonte – Arquivos das Informantes cedidos para pesquisa, 2020.

Essas práticas sociais de preservação das pessoas em relação ao meio ambiente são definidas pela percepção que têm sobre ele. As comunidades organizam suas identidades com o olhar ecológico, mediadas pelo poder público e participação do privado, que “implica em migrações de sentido, e com isso, em outras formas de identificação que ganham corpo no espaço público” (NUNES, 2011, p. 166).

Utilizamos pneus e eucalipto e muitos outros. Custo zero e reaproveitamos material que seria descartado na natureza. Foi um vizinho aposentado que fez e a esposa pintava. [...] nossa pracinha também tem uma geladeiroteca com livros doados pela comunidade e algumas escolas privadas daqui de Jequié. Já fizemos bingo onde à arrecadação, aplicamos em melhorias na praça, como aquisição de gangorras, moto de pneus, brinquedos e manutenção da praça (Cida, 14 de julho, 2020).

Utilizamos materiais recicláveis diversos: reutilização de pneus, canos, prato descartável. [...] Ao longo do tempo, sem data para entrega, as artes com pneus foram todas confeccionadas por seu Raimundo um morador aposentado da comunidade. Ele apresentou interesse de confeccionar e de expor na praça sempre o mais breve possível; a associação comprava o material e ele fez todos brinquedos e as artes com pneus sem cobrar nada; [...] o parque infantil: gangorra, balanço e escorregador foram comprados, sendo 30% foi financiado pela CLIRAN os demais foi comprado com o dinheiro da Associação Amigos da Praça (Cíntia Soares, 20 de julho, 2020).

Pelas histórias das idealizadoras podem-se perceber o cuidado e o apreço que artesãos, idosos e outros cidadãos estavam envolvidos na transformação e recriação das sucatas, na produção de brinquedos ou objetos de arte para as praças, estas pessoas se dedicam para transformar estes espaços numa ambiência lúdica. Para Lefebvre (2006), com certeza, este lugar é mais que cenário, “ele persiste e cada detalhe, cada objeto da natureza se valoriza tornando-se símbolo (o menor animal, a árvore, a erva etc.). Fonte e recurso, a natureza obseda, como a infância e a espontaneidade, através do filtro da memória” (LEFEBVRE, 2006, p.55). Ele ainda provoca com seus questionamentos: “Quem não quer protegê-la, salvá-

la? Reencontrar o autêntico? Quem quer destruí-la? [...]” (Idem). Fica para todos essa reflexão.

### 3 OS BRINQUEDOS DE SUCATAS EXISTENTES NAS PRAÇAS COMUNITÁRIAS: COMO É A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS?

As sucatas estão sendo levadas para as praças comunitárias para que as crianças possam viver experiências fundamentais para seu desenvolvimento, “como aventura, pesquisa, descoberta, risco, superação do obstáculo e, portanto, satisfação, emoção” (TONUCCI, 2020, p. 239). A combinação com diferentes materiais, como roda e pneus possibilita a exploração e criação pelas crianças, tornando tudo mais interessante. Assim, conforme a Figura 5 – Motocicleta (Praça da Amizade) podem-se perceber o cuidado e o apreço pelos artesãos, idosos e outros cidadãos que estavam envolvidos na transformação e recriação das sucatas na produção de brinquedos ou objetos de arte para as praças.

**Figura 5:** – Motocicleta (Praça da Amizade)



Fonte – Arquivos das Informantes cedidos para pesquisa, 2020.

As praças comunitárias de sucatas são compreendidas como uma potencialização das variadas manifestações lúdicas que deixam fluir o espírito livre das crianças e adultos, num interjogo – que significa tudo aquilo que se situa entre a experiência e o ambiente sob diversas formas possibilita-os imaginar, agir e criar cenas da trama da vida (CARDOSO, 2018a; 2018b). Assim, acredita-se que os materiais não estruturados ou brinquedos de sucatas conciliam a brincadeira e a arte, juntamente com a educação ambiental, na medida em que se compreende a necessidade de educar o cidadão para a resolução de problemas ambientais. Um

deles, de grande importância, é o destino que se dá para o lixo (CARDOSO, SOUZA, SILVA, 2019).

**Figura 6:** Casinha de Palete (Praça do Amor)



Fonte – Arquivos das Informantes cedidos para pesquisa, 2020.

Por mais limitados que sejam os recursos, por serem materiais já reaproveitáveis, é importante perceber que, conforme a Figura 6 – Casinha de Palete, a Praça do Amor, um ambiente planejado no espaço público não subestimou as possibilidades das áreas infantis, pois apresenta intervenções que “podem permitir excelentes experiências lúdicas que explorem aspectos sensoriais, emocionais e/ou simbólicos do espaço, que recordam que a cidade é para brincar” (DIAS; ESTEVES JUNIOR, 2017, p. 645). Ela pode ser identificável, ainda, como tempo/lugar instituído de elementos fundamentais de aprendizagens que são, de um lado, ações da criança e, de outro, os objetivos, ideias e valores sociais representados pela experiência do adulto (DEWEY, 1967). Podemos dizer que é um espaço rico de uma educação ambiental voltada à reutilização e condutas de preservação do meio ambiente, no qual pode-se perceber a interação de um conjunto de elementos naturais, artificiais e culturais, propiciando um desenvolvimento equilibrado da vida em todas as suas formas (BATISTA, 2009).

A qualidade da estruturação espacial para crianças, conforme Bondioli e Gariboldi (2012, p.30), “está relacionada a uma análise das exigências infantis fundamentada nas categorias de intimidade/segurança e exploração/descoberta”. O uso desses territórios lúdicos ocorre pelas relações sociais neles estabelecidas, “sua capacidade de acolhimento, principalmente aos grupos heterogêneos, e sua capacidade de estimular identificações simbólicas, bem como de expressão e da integração cultural”, como afirma Castro (2014, p.6).

A praça/parque é visitada diariamente por todas as crianças, inclusive recebemos visitas ocasionalmente de 20 a 30 alunos das escolas da educação infantil públicas e privadas no turno matutino e vespertino. [...] Elas visitam sempre, muitas vezes demoram e dão trabalho aos pais para irem embora. Elas brincam no balanço, escorregador, de amarelinha, correm, pulam, tiram fotos, brincam de patins, entre outros (Cíntia Soares, 20 de julho, 2020).

“O prazer é o motor disto, o mais potente já conhecido pelo homem. É por isso que uma criança quando brinca esquece-se de comer. O jogo livre e espontâneo da criança se assemelha às experiências mais elevadas e extraordinárias do adulto” (TONUCCI, 2020, p. 241). A criança aprende a ser cidadã por meio de práticas sociais (LEFEBVRE, 2008), por isso não pode dispensar uma prática-sensível, já que “[...] o olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente” (PINTO; SARMENTO, 1997, p.25).

Por fim, corroborando com Araújo; Carvalho (2017) percebe-se que as idealizadoras, Cíntia e Cida, não querem apenas abrir janelas para as crianças observarem a cidade, mas para elas melhor compreenderem suas experiências na e sobre a cidade, onde e como brincam, do que mais gostam e menos gostam do lugar, enfim, quais os sentidos que atribuem às praças da comunidade feitas de sucatas na cidade Sol/ Jequié.

#### 4 CONSIDERAÇÕES EM ABERTO

As praças públicas, na sociedade moderna, eram projetadas com exposição de estátuas, plantas e arquitetura que seguiam modelos da cultura erudita. Porém, na contemporaneidade esses espaços vêm se transformando com a representatividade das comunidades locais, no convívio social e propondo soluções de construção de praças ecológicas, sendo construídas com sucatas e atendendo as necessidades dos cidadãos.

A Praça Amor e Praça Amizade, da cidade de Jequié – BA é hoje, um exemplo bem sucedido, pois se constituem como lugar de inventividade, de autenticidade e protagonismo cidadão, a fim de que todos: crianças, adolescentes jovens adultos e idosos, concebam o espaço como parte de si, além de potencializar as trocas e aprendizagens coletivas.

As análises iniciais deste estudo evidenciaram que as duas praças comunitárias de sucatas, as quais diferem bastante do modelo de praças que incorporam os elementos da cultura erudita, têm sido espaços de promoção da cultura, lazer, educação e convívio social, haja vista que, além de fomentar a cultura lúdica infantil, desenvolve ações de colaboração e responsabilização comunitária, eventos e espaços de lazer e convívio social para diferentes grupos etários e ações culturais, tais como: Ciranda de leitura, Festejos juninos, Semana Santa, Dia das mães.

Os achados apontam, ainda, que tanto a Praça do Amor, quanto a Praça da Amizade têm se configurado como ambientes planejados de resgate do lúdico em espaços urbanos, com base em iniciativa popular, a fim de que não somente as crianças, mas pessoas de todas as faixas etárias, tenham a possibilidade de interagir com seus pares, resgatando as relações intersubjetivas.

A leitura inicial das histórias de Cíntia e Cida revelam que estes dois lugares têm oferecido às crianças experiências de forma gratuita e natural, proporcionando a elas prazer e alegria. Além disso, proporciona para seus frequentadores uma educação ambiental voltada à reutilização de materiais não estruturados (sucatas) que minimiza o impacto dos descartáveis, introduzindo tais produtos novamente no sistema produtivo de forma a se transformar em novo produto (BASTITA, 2009). Enfim, esse salto qualitativo das praças comunitárias com sucatas deve-se à ênfase dada a criatividade das idealizadoras, procurando oferecer às pessoas um local seguro e de qualidade para o lazer das crianças e adultos.

**REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Luiz Antonio Furtado. O papel da arte urbana na cidade lúdica. **Revista Eletrônica História, Natureza e Espaço** – v. 4, n. 1 (2015) Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/25708>. Acesso em: 19 julh. 2020.

ARAÚJO, Vania Carvalho de; CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. As possibilidades de uma experiência compartilhada entre adultos e crianças na cidade. **Pro-Posições** [online]. 2017, vol.28, suppl. pp.111-131. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072017000400111&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000400111&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: mar. 2020.

BATISTA, Américo Donizete. Meio Ambiente: preservação e sustentabilidade. **Revista EPeQ/Fafibe**, 1ª. Ed., vol.1.nov.2009. PP. 50-54. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaepeqfafibe/sumario/3/14042010143117.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

BEAUCLAIR, João. O "suco" da sucata: brinquedos e jogos na educação infantil. **Criar Revista de Educação Infantil**. São Paulo, p. 6 – 7, 10 mar. 2006.

BONDIOLI, Anna; GARIBOLDI, Antonio. A vida cotidiana na creche. In: FARIA, A.L.G. (Coord.). **Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada**. Coleção Formação de Professores Série Educação Infantil em Movimento. Campinas: Autores Associados, 2012.

BROUGÈRE, Gilles. Laser e Aprendizagem. In: ULMANN, A.L. (Org.). **Aprender pela vida cotidiana**. Tradução de Antônio de Paula Danesi. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.pp.128-140.

CARDOSO, Marilete Calegari. **Catadoras do brincar: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador, Bahia, 2018b.

CARDOSO, Marilete Calegari. O Livre Brincar e a cultura lúdica infantil: experiência, performance e imaginário da criança. In: D'ÁVILA, C; FORTUNA, T. R. (Orgs). **Ludicidade, Cultura Lúdica E Formação De Professores**. Editora CRV, Curitiba, 2018a. p.159-173.

CARDOSO, Marilete Calegari; SOUZA, Ana Lucia; SILVA, Maria Vitória. A ludicidade ao longo da cidade de Jequié-BA: espaços e tempos de lazer e aprendizagens para as crianças. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 7, n. 7, p. 01-15, maio, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/semgepraxis/index>. Acesso em: mar. 2020.

CASTRO, Andréa Matos Rodrigues Menezes. O uso lúdico do espaço público: um tempo no Parque Municipal Américo Renné Giannetti. **Anais do 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Disponível em: [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402004456\\_arquivo\\_ousoludicodoespacopublicO.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402004456_arquivo_ousoludicodoespacopublicO.pdf) . Acesso em: 04 mar. 2019.

DEWEY, John. (1859-1952). **Vida e Educação**. Tradução e estudo preliminar de Anísio Teixeira, 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

DIAS, Marina Simone; ESTEVES JUNIOR, Milton. O espaço público e o lúdico como estratégias de planejamento urbano humano em: Copenhague, Barcelona, Medellín e Curitiba. **Cad. Metrop.** [online]. 2017, vol.19, n.39, pp.635-663. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3912>. Acesso em: 8 mar. 2019.

DIAS, Marina Simone; FERREIRA, Bruna Ramos. Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidadania contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**–Anpur. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2015v17n3p118>. Acesso em: 8 mar. 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LEFEBVRE, Henri. Propósito da obra. In: **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000, 2006.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança**: a importância do brincar; atividades e materiais. 4ª Edição. São Paulo: Loyola 2001. 111p.

NOVAIS, Wilson. Prefeitura deveria repensar um projeto de utilização das Velas Culturais em 2018. **Jequiê Reporte**. dez./2017. Disponível em: <https://www.jequiereporter.com.br/blog/2017/12/10/prefeitura-deveria-repensar-um-projeto-de-utilizacao-das-velas-culturais-em-2018>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NUNES, José Horta. Praças Públicas na Contemporaneidade: história, multidão e identidade. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, 53(2): 157-168, Jul./Dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636985>. Acesso em: 20 jul. 2020.

PINTO, Manoel; SARMENTO, Manoel José. (Orgs). **As Crianças - Contextos e Identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SERPA, Ancelmo. Apropriação do espaço urbano pela criança: a importância do jogo lúdico. **Paisagem Ambiente Ensaio** São Paulo n. 8 p. 177 - 210 dez. 1995.p.177 -210. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i8p177-210>. Acesso em: 04 mar. 2019.

TONUCCI, Francesco. O Direito de Brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. DOSSIÊ TEMÁTICO: Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 16, n. 40, p. 234-257, jul./set. 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/issue/view/393>. Acesso em: 20 jul. 2020.

TORO, Mariana Alejandra Roedel Salles. A produção do espaço e suas contradições: possibilidades para a construção de novos caminhos. **Revista Eletrônica História, Natureza e Espaço** - ISSN 2317-8361 v. 4, n. 1 (2015) Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/25706/18280>. Acesso em: 04 mar. 2019.